



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE LETRAS INGLÊS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS INGLÊS**

HACMONE BARBOSA FERREIRA

A CONSTRUÇÃO DO *ETHOS*/PATHOS DA MULHER NO ROMANCE *A LETRA ESCARLATE*: UM PONTO DE VISTA DIALÓGICO-DISCURSIVO

I

**GUARABIRA-PB
2019**

HACMONE BARBOSA FERREIRA

A CONSTRUÇÃO DO ETHOS/PATHOS DA MULHER NO ROMANCE *A LETRA ESCARLATE*: UM PONTO DE VISTA DIALÓGICO-DISCURSIVO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Estadual da Paraíba - UEPB -, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras – Habilitação Língua Inglesa.

Área de concentração: Linguística – Análise do Discurso.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Flávio Ferreira de Oliveira

**GUARABIRA-PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F383c Ferreira, Hacmone Barbosa.
A construção do Ethos/Pathos da mulher no romance a Letra Escarlate [manuscrito] : um ponto de vista dialógico-discursivo / Hacmone Barbosa Ferreira. - 2019.
43 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Antônio Flávio Ferreira de Oliveira , Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Retórica de Aristóteles. 2. Teoria Dialógica da Linguagem. 3. Interação. 4. Construção da Mulher. I. Título
21. ed. CDD 305.4

HACMONE BARBOSA FERREIRA

A CONSTRUÇÃO DO ETHOS/PATHOS DA MULHER NO ROMANCE A LETRA
ESCARLATE: UM PONTO DE VISTA DIALÓGICO-DISCURSIVO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Universidade Estadual da
Paraíba - UEPB -, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciatura em
Letras – Habilitação Língua Inglesa.

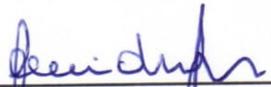
Área de concentração: Linguística –
Análise do Discurso.

Aprovada em: 19/11/2019.

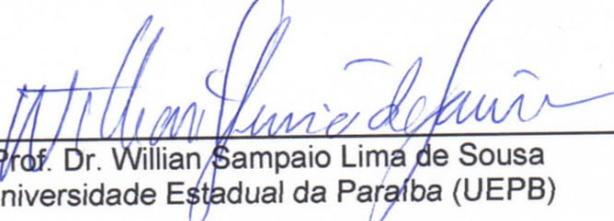
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Antônio Flávio Ferreira de Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Leônidas José da Silva Júnior
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Willian Sampaio Lima de Sousa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por sua infinita bondade e misericórdia presentes na minha vida. Pelo dom da sabedoria e por me fazer ingressar no Curso de Letras Inglês da Universidade Estadual da Paraíba.

Agradeço aos meus pais Geozanias Ferreira, por todo apoio a mim concedido, e Marinalva Avelino, por todo seu amor e dedicação, por não me permitir desistir diante das adversidades e por me amar incondicionalmente.

Aos meus irmãos Hacson e Hacjesse Ferreira, por me proporcionarem momentos de boas risadas em meio aos estresses.

À minha amada e querida vovó Severina Roseno (*in memória*), embora, fisicamente ausente, sempre desejou o meu sucesso acadêmico, como também, me deu todo o amor que podia. Hoje, a retribuo com essa singela homenagem. Te amarei por todo sempre.

Agradeço ao meu namorado Miquéias Lima, por toda consideração, apoio e afeto dedicados a mim.

Agradeço ao meu Orientador e amigo Flávio Ferreira, por toda dedicação e esforço, por me ajudara não desistir e por ser uma pessoa excepcional.

Agradeço às minhas primas Raquel e Carol Avelino, por sempre estarem comigo em cada situação, por serem minhas fiéis companheiras, por todo amor e carinho dedicados a mim. Agradeço também à Lúcia Avelino, pelo seu amor, pelo seu apoio e por representar, da melhor forma, seu papel de irmã mais velha.

Agradeço à Thalia Ferreira, por todo amor e apoio dedicados a mim durante a vida, por sempre estar ao meu lado e por ser, além de prima, uma irmã incrível com a qual posso contar. Agradeço também à Crislayne Ferreira, por todo seu apoio e amor dedicados a mim ao longo da vida.

Agradeço aos meus tios e tias, em especial, à Cristina Avelino, Fátima Avelino, Paulo Avelino, Pedro Avelino, Odete Avelino e Maria Avelino, por serem, com todo sentido da palavra, uma amorosa e dedicada família.

Ainda, agradeço aos meus tios e tias, em especial à Osineide e Zaqueu Ferreira, Rosenilda Ferreira, Josué Ferreira e Jeudi Ferreira, por estarem ao meu lado me fortalecendo em oração.

Agradeço aos meus avós, Angelina e Manoel Ferreira, por serem exemplos de fé e harmonia. Obrigada por serem meus alicerces.

Agradeço aos amigos que a UEPB me deu, à Lílian Kasey, Adriano Amaro e Estefanny Brito, por todo os momentos incríveis que passamos juntos na Instituição e fora dela. Agradeço por serem seres humanos incríveis, com almas extraordinárias.

Agradeço aos professores que contribuíram com a minha formação acadêmica, em especial à Ana Carolina, Auricélio Soares e Isabela Sousa, por serem, além de excelentes profissionais, pessoas extraordinárias.

Finalmente, agradeço a todos que contribuíram para o meu êxito até aqui, que Deus possa recompensá-los de maneira grandiosa.

RESUMO

Esta pesquisa analisa o *ethos/pathos* da mulher no romance *A letra escarlate*. Para tanto, nós utilizamos duas teorias para fundamentar esse estudo, a Retórica de Aristóteles e a Teoria Dialógica da Linguagem (TDL). Na primeira, identificamos elementos axiológicos que compõem as paixões e o caráter do ser humano, ou seja, trata-se tanto dos sentimentos afetivos quanto da construção do caráter moral dos indivíduos. Na segunda, tratamos do método sociológico o qual discorre vozes discursivas, nas quais os sujeitos organizados interagem produzindo enunciados concretos e inacabados como forma de perpetuar os diversos usos da língua. Tal análise utilizou-se do método qualitativo interpretativista. Como *corpus* de análise utilizamos o romance *A letra escarlate escrito* em 1850 por Nathaniel Hawthorne, que aborda uma temática com base em premissas religiosas do século XVII. No *corpus* foram identificadas as vozes que, discursivamente, constroem a personagem Hester Prynne como uma mulher que cometeu adultério e que é construída através das valorações sociais e morais. Dessa forma, podemos perceber que a personagem é constituída pelas vozes sociais e ideológicas que, juntas, constroem a sua imagem a partir da cultura e dos ritos da comunidade puritana. Ademais, concluímos que as vozes discursivas influenciam o sujeito tanto em seus valores morais quanto afetivos e que de certa forma, seja no romance ou em um contexto verdadeiro/realidade, o sujeito é parte constitutiva da interação verbal.

Palavras-Chave: Retórica de Aristóteles. Teoria Dialógica da Linguagem. Interação. Construção da Mulher.

ABSTRACT

This research examines the *ethos/pathos* of the adulterous woman in the novel *The Scarlet Letter*. Therefore, we used two theories to support this study, Aristotle's Rhetoric and the Dialogical Theory of Language (DTL). In the first theory cited, we identify axiological elements that make up the passions and the character of the human being, in other words, it is about the affective feelings as well as the construction of moral character of the individual. In the second theory, we discussed about the sociological method which treats the discursive voices, which the organized subjects used to interact, producing factual and unfinished statements as a way of perpetuating the countless uses of language. Such analysis used the interpretative qualitative method. It was used as the *corpus* of this analysis the novel *The Scarlet Letter* written in 1850 by Nathaniel Hawthorne, this novel addresses a theme based on 17th century religious premises. In the *corpus* were identified the voices that make the character Hester Prynne a woman who committed adultery and who is formed through social and moral valuations. Thus, we can see that this character is constituted by the social and ideological voices that all together, make its image from the culture and rites of the Puritan community. Furthermore, we've concluded that discursive voices influence the subject in their both moral and affective values and somehow, whether in the novel or in a true context/reality, the subject is a constitutive part of verbal interaction.

Keywords: Aristotle's Rhetoric. Dialogical Language Theory. Interaction. Construction of woman.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Quadro 1 – <i>Ethos/Pathos</i> da mulher..... | 28 |
| Quadro 2 – Enunciado 1: <i>Ethos</i> da mulher submissa..... | 29 |
| Quadro 3 – Enunciado 2: <i>Ethos</i> da mulher fiel..... | 31 |
| Quadro 4 – Enunciado 3: <i>Ethos</i> da mulher honrada..... | 32 |
| Quadro 5 – Enunciado 1: <i>Ethos</i> da mulher culpada..... | 36 |
| Quadro 6 – Enunciado 2: <i>Ethos</i> da mulher adúltera..... | 37 |
| Quadro 7 – Enunciado 3: <i>Ethos</i> da mulher condenada..... | 38 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|-----|-------------------------------------|
| PPD | Problemas da Poética de Dostoiévski |
| TDL | Teoria Dialógica da linguagem |

SUMÁRIO

| | | |
|-----|--|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 10 |
| 2 | <i>ETHOS/PATHOS</i> E DIALOGISMO | 12 |
| 3 | <i>O ETHOS/PATHOS</i> DA MULHER NO ROMANCE | 27 |
| 3.1 | Aspectos metodológicos | 27 |
| 3.2 | <i>O ethos/pathos</i> da mulher casada no romance | 28 |
| 3.3 | <i>O pathos</i> da mulher casada | 33 |
| 3.4 | <i>O ethos</i> da mulher pecadora | 35 |
| 3.5 | <i>O pathos</i> da mulher pecadora | 39 |
| 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 41 |

1 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa, investigaremos a construção discursiva do caráter e das paixões da mulher no romance *A letra escarlata* sob a perspectiva enunciativo-discursiva estudada pelo Círculo de Bakhtin. Logo, buscamos compreender como os atos discursivos construídos socialmente contribuem para a formação do sujeito no processo de comunicação em contextos histórico, axiológico, ideológico e cultural.

O romance americano, escrito em 1850, aborda temas de cunho religioso, os quais nos permitem adentrar à historicidade e à cultura que nos revelam costumes de uma determinada geração. Assim, entendemos que a construção subjetiva social é gradativa e depende de como o indivíduo está situado em sua esfera.

Para fundamentar a construção subjetiva do caráter e dos sentimentos, contamos com as contribuições da Retórica de Aristóteles, pelo fato de que sua teoria compreende um arcabouço para, discursivamente, investigar os elementos do *ethos* e do *pathos*, sendo esses, os meios pelos quais os sujeitos se constroem em imagem e em paixão/emoção. Desse modo, podemos, então, no *corpus*, perceber a construção da personagem no meio social e quais foram as causas que contribuíram para essa construção.

A TDL foi de suma importância para a nossa pesquisa, principalmente no que diz respeito à constituição dialógica do sujeito, ou seja, aos fatores sociais e ideológicos que influenciam na construção de atos discursivos dos sujeitos. Desse modo, através dos processos enunciativos, o Círculo estabelece que a língua é um fenômeno social comunicativo, pelo qual os sujeitos interagem tornando-se participantes ativos do âmbito social.

Esta pesquisa tem por objetivo geral analisar o efeito da atitude responsiva do outro na construção discursiva do caráter e das paixões. Os meios pelos quais nos levaram a constituir essa concepção foi o fato de compreender essa construção discursiva por intermédio de situações adversas do cotidiano que, de certa forma, influenciam o indivíduo. Para tanto, podemos especificar ainda mais essas pretensões, formulando os seguintes objetivos específicos: (1) verificar a construção do *ethos/pathos* do sujeito mediante os atos discursivos; (2) identificar como o meio social contribui para essa construção; e (3) apontar os efeitos da valoração discursiva na personagem.

O romance *A Letra Escarlata* apresenta uma realidade dotada de valores ideológicos, nos quais os sujeitos participantes estão inseridos em um contexto majoritariamente puritano. Sendo assim, através da perspectiva aristotélica, juntamente com a TDL, buscamos compreender as relações de sentidos na construção do discurso do ser.

Essa pesquisa aborda a temática das construções axiológicas dos sujeitos, tendo como aporte duas grandes teorias, na qual, a primeira, A Retórica de Aristóteles, fala sobre os meios de persuasão e sua relação direta com os sentimentos que caracterizam o ser humano. E a segunda (TDL), nos apresenta a relação do sujeito em seus aspectos ideológicos, pela qual abordaremos os conceitos de língua, linguagem, historicidade, enunciados, construções axiológicas etc. Conceitos tais que constituem discursivamente a personagem no romance, os quais também serão discutidos como foco de interdiscursividade, em relação ao contexto da sociedade hodierna.

Desse modo, nossa pesquisa é importante não somente por trabalharmos com grandes teóricos, mas também pelo fato de contribuir de maneira efetiva para a vida da comunidade, como também serve de incentivos para novos pesquisadores no que diz respeito à análise de gêneros a partir da TDL e dos pensamentos aristotélicos.

Em relação à organização da pesquisa, no Capítulo 2, discutimos as fundamentações teóricas as quais serviram de base para nossa análise. Desse modo, abarcamos conceitos pertinentes como os da Retórica de Aristóteles e os da TDL, que, juntos, nos conduziram a resultados significativos. Ademais, no Capítulo 3, apresentamos os aspectos metodológicos da pesquisa, ou seja, a forma como constituímos deste estudo. Analisamos também, de forma detalhada, como se deu a construção do sujeito a partir dos conceitos do Círculo de Bakhtin e da Retórica de Aristóteles. Por conseguinte, nas Considerações Finais, realizamos um resumo geral e comentamos de modo concludente os principais pontos da pesquisa.

2ETHOS/PATHOS E DIALOGISMO

Construímos nosso caráter pessoal a partir de experiências vividas desde a infância até à vida adulta, sejam elas boas ou ruins. É claro que a interação social é de grande importância nessa construção; do contrário, não poderíamos desenvolver nossos valores sem experiências, sem conviver em sociedade e para o outro. Logo, nosso caráter está relacionado à credibilidade que transmitimos através de nossas atitudes ao longo da vida. Segundo Aristóteles, o discurso que utilizamos convence “o ouvinte, aquele que determina a finalidade e o objeto do discurso”, (Ret. Liv. I, Cap. III, 5, 1358b1), seja ele verídico ou não, precisa ser carregado de emoções que possam comovê-lo. É dessa maneira que se pode tocar no íntimo e desenvolver o sentimento de aprovação que necessita para que ajam conforme o desejo do orador.

Os meios pelos quais adquirimos confiança em alguém dependem de como ela está apresentada perante a sociedade. O caráter pessoal do ser humano é, de fato, o que o torna digno, como também a forma pela qual ele se revela através de seu discurso, ou seja, a boa imagem estabelece essa credibilidade do orador para com o ouvinte como também, “quando o discurso é proferido de tal maneira que nos faz pensar que o orador é digno de crédito”. (Ret. Liv. I, Cap. II, 45, 1356a1-5). Isso se dá pelo seu modo de agir, a maneira como ele se revela e convence o público do seu prestígio e, através dessa imagem, ele adquire valores para si, sendo essa a melhor ferramenta que ele possui perante o público, o seu caráter. Como afirma Aristóteles “a persuasão é obtida através do próprio discurso quando demonstramos a verdade, ou o que parece ser a verdade, graças à argumentação persuasiva apropriada ao caso em pauta”. (Ret. Liv. I, Cap. II, 46, 1356a1-20).

O caráter do ser humano pode torná-lo nobre, como também a falta dele pode torná-lo vil. Ao longo do tempo, as regras básicas de convivência em sociedade nos permite caracterizar um sujeito baseado nas premissas e nos ritos de determinada comunidade, se ele está de acordo com todas as normas impostas pela sociedade, pode ser julgado como um cidadão de bem, porém, a verdadeira construção do caráter do sujeito não depende apenas do cumprimento de suas obrigações, mas, sim, das suas virtudes. Se as leis que regem uma determinada comunidade cooperam para o bem da mesma, logo, quem as criou seria digno de confiança não por exercer o poder, mas por suas qualidades morais.

Para que o público crie laços de confiança pelo orador, é necessário que sejam apresentados valores referentes às qualidades humanas que, dentre elas, destacamos a boa reputação, a honra e as virtudes. Através do discurso persuasivo de si, o orador ressalta suas qualidades refletindo ao público uma imagem do bem, de alguém digno de confiança, como afirma Aristóteles que “a boa reputação consiste em ser respeitado por todos ou ser detentor de alguma qualidade desejada por todos” (Ret. Liv. I, Cap. II, 62, 1360a1-25). Deste modo, ele diz que para sermos aceitos, em primeiro lugar, temos que estar de acordo com algumas características do padrão social hodierno, apresentar elementos valorativos que o público acate e deseje como um princípio essencial para a formação da sua índole. E a partir desse processo de formação, vão se constituindo a boa imagem e a moral do orador, através de atos que não somente beneficiam a si mesmo, mas ao outro. Tais elementos constituem a honra, que se torna uma das principais características de persuasão discursiva que o orador possui para induzir o público quanto à construção do *ethos*. Deste modo:

Através dessa composição podemos entender que a boa reputação se cria, discursivamente, a partir da influência de atos humanos caracterizados pela privação de si para a satisfação do outro; pela representação literária de grandes gestos humanos; pelas vantagens recebidas por um feito grandioso; por uma vantagem que destaca uma pessoa; pela homenagem pública; pela homenagem póstuma; e pelos benefícios concedidos pelas bases estatais. (OLIVEIRA, 2019, p.50).

Um efeito grandioso que beneficia o outro pode se considerar uma vantagem na demonstração do caráter, sendo este um ato que gera empatia no público. Por outro lado, também enxergamos a virtude daquele que faz sem esperar nada em troca, apenas pelo fato de estar bem em ajudar o outro. Partindo desse pressuposto, em relação ao público, esse tipo de doação caracteriza o sujeito como digno de confiança, alguém em quem se pode atribuir toda carga valorativa dos bons princípios, pois, como afirma Oliveira:

Esse tipo de recurso pode sensibilizar o auditório cativando-o e o levando a acreditar que mais do que as demonstrações racionais as qualidades que revestem o orador são mais do que suficientes para, de modo prático e simples, tocar em seus lugares de sensibilidade. (OLIVEIRA, 2019, p. 51).

A maneira como o orador proporciona a interação, utilizando não somente sua boa reputação, que já é um fator de suma importância, mas também demonstrando suas qualidades, faz com que o público se encante com o seu discurso sensível, de forma que, a eficácia em conquistar a atenção e aceitação deles torna-se algo simples e fácil. Deste modo, cada estratégia utilizada pelo orador influencia diretamente na construção de cada personalidade; assim, nossos valores são ponderados e o discurso persuasivo pelo qual o sujeito é sensibilizado determina o desenvolvimento do assunto/situação.

Quanto à virtude, sabemos que esta compõe os valores do sujeito. As virtudes estão relacionadas a atos intencionados ao próximo, que provocam admiração e confiança. A partir disso, somos tomados pelo sentimento de agradecimento que, por sua vez, nos leva ao elogio. Deste modo, entendemos que os benefícios feitos a alguém promovem a elevação do sujeito enquanto pessoa moral, proporcionando a elevação da alma, e estima da parte do outro. A virtude torna o sujeito pleno, não pelo fato de ele exercer um papel de princípios constantemente, mas porque sua intenção em ajudar é nobre. Como postula Aristóteles:

O nobre é o que é tanto desejável por si mesmo quanto digno de louvor, ou o que, sendo bom, é prazeroso pelo simples fato de ser bom. Se isso é o nobre, segue-se que a virtude é necessariamente nobre, uma vez ser ela tanto algo bom quanto algo louvável. A virtude é, segundo a opinião geral, a faculdade responsável pela aquisição e preservação das coisas boas, ou ainda a faculdade responsável pela concessão de muitos benefícios de grande importância, benefícios de todos os tipos em todas as ocasiões. As partes da virtude são: a justiça, a coragem, a moderação, a magnificência, a magnanimidade (grandeza de alma), a generosidade, a brandura, a prudência e a sabedoria. (Ret. Liv. I, Cap. IX, 81, 1366b1).

Através desses valores, o sujeito percebe sua própria construção refletir na construção do outro, seus discursos e sua maneira são a forma como ele encontra para estar inserido de maneira positiva no discurso alheio. Cada característica precisa estar apresentável diante dos padrões estabelecidos pela comunidade, ele será acolhido apenas pela grandeza de alma, por ser algo desejável e não só meramente por praticar a justiça. Desse modo, o sujeito estará representado e

construído socialmente, exercendo influência e persuasão, sua palavra terá prestígio diante do outro, ele será ouvido e possivelmente acatado, pois sua nobreza atuará em conjunto com o senso social.

O louvor é o ato de elogiar com palavras, ou, agradecer por algo que recebemos seja espiritual ou material. Segundo Aristóteles (Ret. Liv. I, Cap. IX, 81, 1366b1); “o louvor pode ser sério ou frívolo”. Sendo assim, quando o louvor é sincero, não há trocas de nada, o sujeito é elogiado pelo caráter, pela bondade externada ao outro. Por outro lado, mesmo quando o favor é concedido gratuitamente, o louvor pode ser interesseiro. Um dos modos de conseguir o que se quer é através da barganha, ou seja, quando o elogio é proferido apenas por interesse do que se pode ganhar.

De acordo com Aristóteles “as paixões (emoções) são as causas das mudanças nos nossos julgamentos e são acompanhadas por dor ou prazer.” (Ret. Liv. II, Cap. I, 122/123, 1378a1, grifo do autor). Desse modo, podemos perceber que as emoções desempenham um papel muito importante na tomada de decisões do sujeito, pois, diante de situações casuais da vida e de um discurso que possa, de certa forma, sensibilizar o ouvinte, ele, no uso de suas faculdades afetivas, será favorável ao discurso do outro. O orador que discursa racionalmente alcançará seu objetivo quando entender o pensamento coletivo, ou seja, atingindo o emocional, ele despertará as reações emotivas do público. Portanto, podemos dizer que *pathos* é o conjunto de elementos emocionais, que auxilia na tomada de decisões, sendo elas intencionadas para o bem ou para o mal.

Partindo desse pressuposto, o conjunto de emoções que caracterizam nossas emoções nos tenciona a julgar algo de acordo com nosso bom senso e moral. Tais elementos são utilizados pelo orador na intenção de comover o ouvinte, dessa forma ele tem como ferramenta as seguintes características: cólera; medo; pudor; despudor; amor; benevolência; compaixão; indignação; inveja. A saber, trataremos agora da cólera.

A cólera, segundo o filósofo grego é “como uma inclinação penosa para a manifesta vingança de um desdém manifesto e injustificável de que nós mesmos ou nossos amigos fomos vítimas.” (Ret. Liv. II, Cap. II, 123, 1378a1). Dessa maneira, podemos entender que a cólera está relacionada a atos que provocam um sentimento de fúria, no qual o indivíduo que se encoleriza, sente ódio pelo indivíduo que causou essa emoção, ou seja, “sempre será necessariamente experimentada

contra um indivíduo em particular” (Ret. Liv. II, Cap. II,123, 1378a1).Tal sentimento ainda pode ser revelado no sujeito quando, como já foi dito, algo é feito contra ele mesmo, ou quando algo é feito a alguém com quem ele tem afinidade, despertando assim o desejo de punição, como afirma o autor, (Ret. Liv. II, Cap. II,124, 1378a1),“Um certo prazer acompanha a cólera, também porque a vingança povoa nossos pensamentos e as imagens evocadas produzem prazer, tal como as imagens dos sonhos.”Com isso, sabendo que a cólera produz tal sensação, podemos dizer que punir alguém por algo que fez, não trará culpa ao indivíduo, mas sim, satisfação.

Também faz parte da cólera o desdém, que pode ser explícito como uma indiferença, desprezo ou falta de cuidados a algo ou alguém, isto é, nossa atenção não direcionada a concepções que temos por insignificantes. Depois de tanto, o desdém ainda se subdivide em três categorias, a saber: o desprezo, a malevolência e a insolência. Em relação a isso, Aristóteles comenta que:

[...] O desprezo é uma espécie de desdém (indiferença); sentimos desprezo pelo que julgamos sem importância, que é exatamente aquilo que nos causa indiferença. A malevolência é outra forma assumida pelo desdém e consiste em criar entraves para os desejos alheios, não para tirarmos proveito da situação, mas para que a vítima de nossa ação não obtenha nenhum proveito; [...]A insolência também é uma forma de desdém (indiferença), na medida em que consiste em dizer e fazer coisas que prejudicam e afligem nossa vítima e que, sobretudo, a humilham. Na insolência não se busca qualquer proveito pessoal, e tampouco qualquer acerto – visa-se apenas à própria satisfação [...]. (Ret. Liv. II, Cap. II,124/125, 1378b1).

De acordo com esse entendimento, podemos inferir que,nossas atitudes responsivas, dizem a respeito da construção do ser humano enquanto afetividade. O que pode satisfazer o sujeito no momento em que ele encoleriza-se é, tratar com desprezo, algo que para ele não julga ter a devida importância, como também, estar diante de uma situação na qual o outro, aquele que nos feriu de algum modo, não tenha como se beneficiar de determinada coisa, ou apenas pelo prazer de vê-lo humilhado.

Para que compreendamos as questões sobre o amor, trataremos agora sobre esse sentimento ao qual o autor define da seguinte maneira:

[...] Supomos que amar é querer para uma outra pessoa aquilo que temos na conta de bens, e isso em vista de seu interesse e do nosso; cabe a nós, assim, na medida de nossas capacidades, agir no sentido de obter para essa pessoa tais vantagens *{por outro lado, é amigo aquele que experimenta esse sentimento, ou seja, ama, e desperta o mesmo sentimento em retorno, ou seja, é amado}* [...].(Ret. Liv. II, Cap. IV,133, 1381a1).

Mediante a essa definição, entendemos que amar, é o ato de querer o bem do outro, sem requerer nada em troca. Amar é ao mesmo tempo, entender que o outro é livre para fazer suas próprias escolhas. Quem possui tal sentimento, é livre de barganha, ou seja, beneficiar alguém esperando retorno. Aquele que ama, produz atos de boa vontade para a pessoa amada, e isso lhe basta, trazendo-lhe satisfação em algo bom, que foi concedido ao outro gratuitamente. Por conseguinte, é a partir do ato de amar e ser amado, que é produzido o sentimento de amizade, tal retorno gera intimidade em ambas as partes, na qual, aquele que ama e o que é amado, se unem por terem afinidades e por serem sinceros e leais a este sentimento, o amor.

Partindo dessa premissa, compreendemos que a amizade está relacionada a coisas que podemos ter em comum, porém, não se trata apenas de afinidade, mas também de lealdade, companheirismo, dinamismo etc. De acordo com o autor, os amigos são:

[...] Aqueles com os quais relacionamo-nos em tais termos que, ainda que respeitemos suas opiniões, não somos constrangidos a enrubescer diante deles por fazer o que é convencionalmente errado; os que nos provocam vergonha quando cometemos atos verdadeiramente incorretos. Aqueles cuja consideração buscamos, aqueles com os quais desejamos rivalizar, sem que essa rivalidade degenerem em inveja, *são por nós apreciados e desejaríamos fazer deles nossos amigos*[...]. (Ret. Liv. II, Cap. IV,135, 1381b1)

Desse modo, é importante destacar que os amigos são aqueles em quem depositamos confiança, pois, o que produz esse tipo de sentimento, também é o que nos motiva a cultivá-lo, mesmo quando houver diferenças. Logo, podemos dizer que saber amar é reconhecer o prazer que está na boa vontade para com o próximo, ou seja, aquele a quem se ama.

O filósofo grego ainda pontua que:

[...] Conquistam também o amor das pessoas aqueles que são ternamente apegados a seus amigos e que não os abandonam jamais, sobretudo quando enfrentam problemas; com efeito, de todas

as pessoas de bem, as que mais amamos são as que se destacam como amigas, isto é, possuem o mérito de saber amar. Queremos bem igualmente os indivíduos que são honestos, sinceros conosco, inclusive os que chegam a nos falar de seus pontos fracos [...]. (Ret. Liv. II, Cap. IV,136, 1381b1).

Pelo que já dissemos sobre o amor e amar, e os frutos produzidos por ele, como por exemplo, o sentimento de amizade, pode-se concluir que as demonstrações de afeto são, na verdade, a forma mais simples de expressar o amor, pois, compreender e aceitar o outro a pesar de ele não ter as mesmas características daquele que ama, é amar, por isso a interação entre eles é espontânea.

Sobre o medo, esse sentimento que aflige o ser humano de formas diversas, Aristóteles o define “como uma forma de padecimento ou perturbação gerada pela representação de um mal vindouro de caráter destrutivo ou penoso.” (Ret. Liv. II, Cap. V,137, 1381a1), ou seja, essa sensação que domina o cognitivo do sujeito, está relacionada com algo que pode acontecer devido a eventos da casualidade ou a atos cometidos que de modo geral, não condizem com o que é certo.

As pessoas tendem a ter medo do desconhecido, daquilo que pra elas, se encontra na obscuridade. Quando algo que para nós remete o perigo, as sensações que nos dominam são diversas, desde fatores biológicos quanto psicológicos, para tanto, o autor comenta que:

[...] Só tememos aquilo que pode nos causar profundos sofrimentos e grandes perdas, inclusive nossa destruição. E mesmo isso somente se parecerem não distantes, mas tão próximos a ponto de serem iminentes. O fato é que não tememos o que está muito distante, do que é exemplo a morte: todos sabemos que vamos morrer, mas isso não nos incomoda porque a morte não apresenta uma proximidade ostensiva [...].(Ret. Liv. II, Cap. V,138, 1382a1)

Logo, é verdade que existem outros aspectos a ponderar sobre o medo, como a maldade, a injustiça, a solidão, pessoas que podem nos fazer mal de algum modo e etc. Porém, quando estamos diante do fim, o medo é inevitável, pois “o medo levamos a deliberar, quando ninguém delibera se a situação for desesperada” (Ret. Liv. II, Cap. V,140, 1383a1). De acordo com este princípio, levamos em consideração também o estado de espírito do sujeito, pois é de suma importância que possamos justificar/explicar suas ações mediante ao perigo, ou seja, quando entramos em confronto com o corpo e a mente podemos dizer que o medo para o sujeito reflete o

seu próprio fim, algo que não se pode consertar, que é definitivo. Sendo assim, o autor conclui que “o medo é sentido pelos que acreditam que algo provavelmente lhes acontecerá através da ação e concurso de determinadas pessoas, de uma determinada forma e em um determinado momento.” (Ret. Liv. II, Cap. V,140, 1382b1).

Passaremos a tratar agora do pudor e despudor. Podemos entender do que se trata, quando Aristóteles define “o pudor como uma forma de aflição ou perturbação gerada por ações deploráveis – realizadas no presente, no passado ou no futuro – capazes de nos desonrar.” (Ret. Liv. II, Cap. VI,142, 1383b1). Em razão disso, podemos entender que esse sentimento é causado no sujeito através de um fator externo chamado indiscrição. Quando observamos o comportamento de alguém cuja virtude consiste na integridade moral, tal sujeito se comporta com modos de recato quer seja em seu discurso, quer seja em suas ações, deste modo, quando algo acontece, e esse algo excede algumas dessas qualidades morais, causa nele, o desconforto, a inquietação, e a falácia do público. O pudor também tem a ver com a timidez, sendo assim, o sujeito tende a ser cauteloso, como foi dito a cima, em seus atos, em seus discursos como também na maneira que ele se apresenta em suas vestimentas, o ato de se cobrir é um fator em destaque, pois a falta desse detalhe o tornaria moralmente indecente perante a sociedade. Contudo, podemos inferir segundo Aristóteles que “experimentamos o pudor, ou vergonha, por todos os atos que consideramos desonrosos, quer à nossa pessoa, quer às pessoas pelas quais zelamos.” (Ret. Liv. II, Cap. VI, 142, 1383b1), ou seja, o sentimento do pudor também é um elemento axiológico que, constrói o sujeito diante do público.

Quanto ao despudor, o autor diz que “O despudor ou impudência é uma espécie de descaso e de indiferença manifestados relativamente a faltas dessa natureza.” (Ret. Liv. II, Cap. VI,142, 1383b1). Deste modo, compreendemos que o despudor, nada mais é que o contrário do pudor, ou seja, é perder a compostura, diante do meio social. O sujeito que não tem pudor, não demonstra respeito a nada, ele não está preocupado com sua imagem, com o que o outro venha a construir a seu respeito, mas sim em se exhibir para todos de maneira extravagante. Portanto o conjunto de elementos que formam o impudente são todos os atos indignos praticados por ele.

Sobre a compaixão, esse tal sentimento que gera solidariedade e empatia em relação ao outro, é definido por Aristóteles:

[...] Como um sentimento doloroso gerado por um mal aparente capaz de nos aniquilar ou de nos afligir, mal esse que atinge alguém que não merece ser por ele atingido e que, presumimos, também pode nos atingir, ou a nossos aficionados e, também pode nos atingir, ou nossos aficionados e, principalmente, quando a ameaça desse mal parece próxima, podendo ele nos atingir brevemente[...] (Ret. Liv. II, Cap. VIII,149, 1385b1).

Partindo desse pressuposto, podemos dizer que o estado de espírito do sujeito que se compadece, está relacionado à sua empatia, diante de uma situação pela qual ele perpassa ou um ente querido, sendo assim, ele pode sentir piedade e desgosto por devidas circunstância. As pessoas que estão propícias a isso, são aquelas que de fato, já passaram por uma situação assim, ou que sentem medo por ver tal acontecimento já vivenciado pelo outro, deste modo, causando medo de se deparar com o desconhecido.

Quanto aos males, aquilo de mal que pode suceder a alguém, o autor afirma que “Os males dolorosos e destrutivos são: as diversas formas de morte; os golpes; ferimentos e maus tratamentos infligidos ao corpo, a velhice, as doenças e a falta de alimento”. (Ret. Liv. II, Cap. VIII,151, 1386a1). Quanto a isso, levando em consideração todas as causas de males, podemos dizer que o ser humano está sujeito a isso, porém, só é capaz de refletir quando se depara com alguma situação que lhe impacte.

Ainda há aqueles que são incapazes de sentir compaixão, quanto a esses, Aristóteles (Ret. Liv. II, Cap. VIII, 150, 1385b1) os classifica como “arruinados”, ou seja, são impossibilitados de se colocar no lugar do outro, sendo assim mesquinhos, onde, podendo ajudar, não se disponibilizam. Contudo, quanto aos males que são susceptíveis a nós, ou a nossos achegados, inferimos que a compaixão é passar por dificuldades gratuitas, apenas pelos acasos da vida, sem importar o quão bom o sujeito possa ser.

Trataremos agora da indignação, o ato de não se conformar ao que é injusto. A indignação também pode causar cólera, perante a insatisfação do sujeito posto em uma situação arbitrária. O autor afirma que “podemos experimentar indignação diante do sucesso não merecido; de fato, tudo o que é imerecido é injusto” (Ret. Liv. II, Cap. IX, 153, 1386b1). De forma que, o sentimento de indignação pode ser confundido com a inveja, porém o que difere é que, na indignação, se tem um motivo concreto pelo qual indignar-se, ou seja, querer justiça. Porém na inveja, a indignação

se dá pelo fato de querer algo que pertence ao outro por direito. Mas o que efetivamente significa ter inveja? Segundo Aristóteles (Ret. Liv. II, Cap. IX, 153, 1386b1) “É verdade que a inveja é também uma dor que nos perturba ao contemplarmos o sucesso alheio”. As razões pela quais o indivíduo sente são necessariamente o desejo de não apenas obter algo desejado, mas sim, que o outro tenha menos que ele, seja menos afortunado que ele, causando assim ao invejoso a satisfação. Desse modo, percebemos que tanto a indignação quanto a inveja, podem ser confundidas, porém, os motivos que causam isso, são diferentes.

Por conseguinte, apresentadas algumas características do *pathos*, inferimos que esse conjunto de elementos afetivos, na verdade, caracteriza o ser humano quanto à própria vida. Para tanto, é a interação sócio discursiva que permeia sobre as esferas intrínsecas, interferindo no presente, passado e futuro, pois, os sujeitos usam da argumentação persuasiva que conseqüentemente, irão existir enquanto historicidade e ideologia.

Esta pesquisa fundamenta-se a partir dos estudos da Teoria Dialógica da Linguagem (TDL), que foi desenvolvida no início do século XX pelo círculo de Bakhtin, constituído de três importantes autores entre eles: Bakhtin (2015) Volochínov (2014), os quais buscaram compreender sobre a tessitura da linguagem, sendo essa, constituída pela interação discursiva dialógica e histórica. Desse modo, os postulados apresentados por estes autores, contribuíram de forma significativa para os estudos dos usos da língua.

A linguagem é o conjunto dos elementos que compõe um diálogo, ou seja, um processo dinâmico interacional entre um falante, um ouvinte, e toda carga histórica e ideológica que o retrata. Ainda se tratando de linguagem, podemos dizer que a língua não é um produto acabado, imutável. Desse modo, a linguagem está presente como um meio vivo, sujeita a variações sociais de acordo com tempo, e não de modo engessado, com regras cristalizadas.

É através dessa interação verbal e axiológica, que podemos refletir a ideia de língua como um processo contínuo que está sempre em devir. Também compreende que os diferentes usos de linguagem, desenvolvem-se na forma de enunciados concretos, únicos e inacabados, ou seja, está em constantes transformações. Contudo inferimos que a língua é um produto interacional que serve para nossas necessidades comunicativas no meio social. Desse modo, (Bakhtin/Volochínov, 2014, p. 111), postula que:

[...] A língua não se transmite; ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo contínuo. Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar [...].

Considerando o postulado acima, a língua vem através da temporalidade se resinificando vividamente “como uma bola, pula de geração para geração” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 111). Essa condição permite que os indivíduos se adequem as mudanças do fluxo verbal, mantendo dessa forma, a língua pronta para o uso na produção de enunciados.

A interação verbal, por sua vez, consiste na maneira em que os sujeitos se relacionam entre si, e para que esse processo aconteça, (VOLOCHÍNOV, 2013, p.157) “a existência não só de um falante, mas também de um ouvinte” é significativa em determinada situação, contudo, a palavra é meio pelo qual nós podemos construir o diálogo com o outro, nesse caso, Bakhtin/Volochínov (2014, p. 117) afirma que:

[...] Toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade [...].

De acordo com o autor, a palavra é o a ponte que liga os locutores e interlocutores em suas enunciações, constituindo dessa forma um processo dinâmico e interativo. Esse fenômeno realiza-se sempre em direção ao outro, mesmo que aquele para quem é direcionado o discurso esteja ausente no momento da enunciação, não deixará de ser responsável pela interlocução, esse fato faz com que o enunciado ganhe uma nova roupagem de sentidos valorativos que influenciam no dado contexto, dependendo da situação em que estão colocados no meio social.

De acordo com (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 77) “A palavra na vida, com toda evidência, não se centra em si mesma. Surge da situação extra verbal da vida e conserva com ela o vínculo mais estreito”. Dessa forma, entendemos que a palavra juntamente com a situação não pode se separar, pois, para que os enunciados possam fazer sentido, a palavra e o contexto extra verbal necessitam estar juntos.

É através da atividade discursiva que nos relacionamos com o outro em dadas esferas social. O modo/processo da enunciação permite que o sujeito seja participante dos aspectos axiológicos, culturais e históricos no que diz respeito ao outro. Dessa forma, de acordo com (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 116) “a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados”. Logo, é através do processo da enunciação que os indivíduos constroem seus diálogos, como também se constroem, pois, esse é o processo avaliativo que caracteriza o dizer humano.

Em se tratando de conjunto avaliativo, (VOLOCHÍNOV, 2014, p.83), afirma que “Uma entonação criativamente produtiva, segura e rica somente é possível baseada no suposto coral de apoio”. Dessa forma, o coral de apoio apresenta-se como um conjunto de valor que junto aos sentidos formam essa comunhão de avaliações. Portanto, a entonação terá melhor compreensão para o ouvinte se estiver apresentada desta forma.

Todo enunciado requer uma resposta, o ato da fala é o elemento que permite que os sujeitos possam se comunicar. Diante disso, o círculo de Bakhtin compreende que “o locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas (para o locutor, a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala)”. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2014, p. 95). Deste modo, o locutor, detentor ideológico da fala, transmite ao receptor todo o produto da enunciação de forma organizada, estabelecendo entre ambos estes ciclos contínuos pelo qual os sujeitos se comunicam.

Quanto a este processo, Oliveira (2015, p. 17) infere que:

A enunciação fundamentada no plano dialógico se instaura a partir da compreensão de dinamicidade e de inacabamento que existem nos processos da interação humana. Desse modo, surgem os pressupostos que afirmam ser a linguagem o lugar de encontro entre o sujeito, seus horizontes sociais, históricos e ideológicos. Essa concepção nos faz entender que a língua se distancia da compreensão de uma abstração formal. A língua serve aos sujeitos para expressar seus pensamentos e, através de palavras sua compreensão do mundo exterior.

Nesta citação, compreendemos que através de todo esse fenômeno social há um fluxo no qual todos os elementos se interligam de maneira gradativa, ou seja, essas categorias que tangem desde a língua até os discursos propriamente ditos, são um ciclo que independem do tempo, desse modo, eles se renovam a cada

geração, a cada avanço científico e filosófico. No mais, no que diz respeito ao “mundo exterior” OLIVEIRA(2015), trata dos produtos ideológicos que por sua vez, compreendem a totalidade coletiva quanto aos valores axiológicos o quais, cada ser humano carrega em sua subjetividade. Portanto, podemos dizer que todos os fundamentos aqui apresentados sobre enunciação, trabalham em conjunto tanto no que reflete quanto no que refrata aos princípios dialógicos da linguagem.

A concepção formulada pelo círculo bakhtiniano sobre elementos discursivos dialógicos, no que diz respeito aos signos, refletem e refratam uma dupla realidade a partir do que um dado objeto foi criado para ser ou diante de uma dada valoração atribuída ao mesmo, com um significado completamente ideológico. Podemos compreender o signo ideológico da seguinte maneira,(Bakhtin/Volochínov, 2014, p. 32):

[...]O pão e o vinho, por exemplo, tornam-se símbolos religiosos no sacramento cristão da comunhão. Mas o produto de consumo enquanto tal não é, de maneira alguma, um signo. Os produtos de consumo, assim como os instrumentos, podem ser associados a signos ideológicos, mas essa associação não apaga a linha de demarcação existente entre eles. O pão possui uma forma particular que não é apenas justificável pela sua função de produto de consumo; essa forma possui também um valor, mesmo que primitivo, de signo ideológico [...].

Partindo desse pressuposto, de acordo com o círculo, o produto ideológico revela, não apenas a sua função exterior, mas sim, outra face carregada de valores que, por sua vez, significam algo que vai além de si mesmo. Na esfera religiosa, compreendemos o pão e o vinho, como sagrados elementos da comunhão Cristã, portanto, há por trás desses elementos toda uma historicidade sociocultural, mas que, todavia, ao nos deslocarmos dessa esfera, e trazermos ao seu aspecto natural de produção, o pão e o vinho são alimentos comum que saciam o corpo fisiologicamente. Para tanto, inferimos que um objeto sozinho, não é ideológico, pois ideologia se trata de valores, do contrário, não passa de instrumentos de produção.

A partir de tudo que já foi apresentado, concluímos que a parte constitutiva do dizer humano é integralmente dialógica, ou seja, repleta de sentidos axiológicos que proporcionam aos sujeitos a possibilidade de se organizarem socialmente, como também, através da fala, constroem seus enunciados e se comunicam efetivamente por meio do discurso verbal interativo, pelo qual se entoam as vozes particulares de cada sujeito por intermédio avaliativo, ou seja, o interlocutor ao

proferir seu discurso, será observado e avaliado pelo seu interlocutor, e assim procederá consecutivamente durante o diálogo.

Quanto à historicidade, compreendemos que ela faz parte do contexto ideológico pelo fato de ser o ponto o qual permite a continuidade da interação verbal em si, dotando-a de valores e significando os elementos de produção externa que, por sua vez, ganham sentido refletindo e refratando a coletividade humana. No mais, quanto ao uso da língua, diante dos estudos do círculo bakhtiniano, entendemos que a mesma, não é apenas um código linguístico no qual obedecemos às normas de uma estrutura imutável, mas sim, um produto interacional que une os sujeitos em suas necessidades comunicativas, que se renova e se adequa em cada campo social ao longo do tempo. Ainda sobre a evolução contínua da língua, compreende-se também que os campos sociais em que os enunciados são proferidos são distintos, portanto, os sujeitos são organizados e seus discursos se adequam ao âmbito o qual estão inseridos no momento da enunciação. Cada âmbito social possui uma representação ideológica, e se tratando de ideologia, entendemos que há duas realidades quanto a um determinado objeto, seja ele construído para um único fim ou quando percebemos que tal objeto vai além de um instrumento de produção, ou seja, um signo, dotado de valores os quais nós mesmos construímos para significar ideais de vida.

O estudo do gênero está presente desde a antiguidade, esse estudo iniciou-se por Platão, que por sua vez, analisava os gêneros literários. Porém com o passar do tempo, nos dias atuais, os gêneros estão distribuídos pelas esferas, se mostrando de diversas formas, se adaptando em vários contextos e não somente no literário como era na idade média. Portanto, “hoje, gênero é facilmente usado para referir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias” (Swales, 1990, p. 33. *apud* Marcuschi, 2008, p. 147).

Todas as esferas sociais estão unidas pelo que chamamos linguagem. Suas diversas formas de uso constroem diferentes enunciados que estão organizados em cada esfera. Desse modo, “Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominados gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2011, p. 262). Quanto a estes, entendemos que há uma infinidade deles e que variam em cada campo, porém, nesta unidade atentaremos apenas para o gênero romance.

De acordo com Bakhtin (2011), o gênero romance é classificado como gêneros discursivos secundários complexos. Tal complexidade do gênero pode desenvolver um gênero mais simples, os quais se unem tanto como *Discurso secundário* (complexo), quanto com o *Discurso primário* (simples), dessa forma, quando há essa junção, os complexos deixam de integrar a realidade e os simples integram a realidade a partir dos seus discursos cotidianos.

O dialogismo bakhtiniano também analisa o gênero romance por se tratar de uma forma discursiva a qual Marcuschi (2008) denomina como heterogeneidade tipológica, ou seja, a presença do gênero entre vários outros. A configuração de esses discursos dar-se através dos personagens, são eles quem interagem e proporcionam um novo sentido dentro da esfera, com novos discursos por se tratar de novas consciências.

Além de novos discursos, no romance, se faz também na construção de uma nova sociedade, onde tudo é relativamente novo, desde os personagens ao fluxo da vida em si. No prefácio do livro *Problemas na Poética e Dostoiévski* (PPD), Paulo Bezerra (2015, p. 10) esclarece que:

[...] Em Dostoiévski, cujo universo é plural, a representação das personagens é, acima de tudo, a representação de consciências plurais, nunca da consciência de um eu único e indiviso, mas da interação de muitas consciências, de consciências unas, dotadas de valores próprios, que dialogam entre si, interagem, preenchem com suas vozes as lacunas e evasivas deixadas por seus interlocutores, não se objetificam, isto é, não se tornam objeto dos discursos dos outros falantes nem do próprio autor e produzem o que Bakhtin chama de grande diálogo do romance [...].

Partindo desse pressuposto, o autor evidencia que no romance ao enunciarem, os personagens ganham voz própria, independem do autor, ou seja, todo o universo ao qual estão expostos é totalmente novo, novas perspectivas, novas características, novas vozes, que Bakhtin (2015), denominou polifonia.

Portanto, a polifonia (pluralidade de vozes) faz com que as vozes dos personagens se igualem a voz do autor, fazendo com que ganhem nova roupagem de significados como também, uma consciência independente. Desse modo, a partir do diálogo interativo que ocorre entre eles, os sujeitos tornam-se participantes reais de um novo discurso, ou seja, de um novo mundo.

3 O *ETHOS*/*PATHOS* DA MULHER NO ROMANCE

Neste capítulo, trataremos da construção dialógica-discursiva da personagem, como também, sobre a construção do caráter e dos sentimentos que a constituem. Dessa forma, buscamos evidenciar como se deu essa constituição e como o meio social influenciou no processo discursivo dialógico da mesma. Sendo assim, os possíveis efeitos disso, podem conduzir a personagem a diferentes atitudes responsivas, ou seja, o sujeito floresce de acordo com as situações e de acordo com a sua posição perante a sociedade.

3.1 Aspectos metodológicos

Esse estudo está fundamentado sob a luz de duas teorias, a saber, a TDL e a Retórica de Aristóteles. A TDL é uma teoria desenvolvida pelo Círculo de Bakhtin, cujo propósito é investigar como ocorre a interação humana em seus aspectos históricos e dialógicos. A Retórica busca compreender as percepções do saber, os meios de prova *ethos/pathos*, ou seja, o caráter e as paixões humanas. Desse modo, ao reunirmos essas duas grandes teorias, buscamos investigar e compreender a construção discursiva da mulher, a partir de suas relações sociais cotidianas.

Nossa pesquisa possui caráter qualitativo interpretativista, ou seja, pretendemos discutir os aspectos sociais os quais dizem respeito às relações interacionais entre sujeito e historicidade. Desse modo, ao analisarmos o romance *A Letra Escarlata*, discutimos a partir dos pressupostos do Método Sociológico, como também a partir da Retórica, a influência que o meio social tem na construção subjetiva da mulher na obra escolhida.

As contribuições da TDL foram de grande importância para que nosso estudo pudesse obter resultados, pois ao tratar dos aspectos enunciativos os quais envolvem a sociedade, a valoração, o sujeito e a interação, o Círculo de Bakhtin nos proporciona as ideias essenciais sobre como as vozes se conectam e tornam as relações interpessoais mais fluidas através dos processos comunicativos nos quais

se constituem a realidade humana. Como também, a colaboração Aristotélica no que diz respeito à constituição dos sentimentos humanos.

O romance *A Letra Escarlata*, publicado em (1850), é uma obra popularmente conhecida entre o público literário, por abordar temas de cunho religioso os quais geram grandes discussões até os dias de hoje. Nathaniel Hawthorne, reconhecido por ter uma escrita dotada de pudor, em seu romance, evidencia traços da moralidade de uma comunidade puritana, trazendo uma crítica à sociedade pela qual ele expõe o confronto mais íntimo entre o homem, seus valores e suas paixões. Em virtude disso, o romance realça os fatores históricos que evidenciam essa construção discursiva axiológica, na qual os seres humanos se compõem enquanto sujeitos participantes de uma determinada esfera social.

Logo, através do romance de Hawthorne buscamos, juntamente com o Círculo de Bakhtin e a Retórica de Aristóteles, trazer essa discussão de como se dá a construção ideológica do caráter e das paixões do sujeito enquanto elemento participante de uma esfera social, bem como os efeitos das valorações na constituição subjetiva do mesmo, perante uma sociedade com valores peculiares. Os enunciados que apontam para a identificação dos fatos no *corpus* encontram-se nos capítulos (2, 3, 4 e 18).

Em seguida, apresentaremos um quadro (QUADRO 1), no qual destacamos categorias de *ethos* e *pathos* na construção discursiva da personagem Hester Prynne. Vejamos:

Quadro 1: *Ethos* e *pathos* da mulher

| |
|--|
| <p>O <i>ethos</i> da mulher casada</p> <p>O <i>ethos</i> da mulher adúltera</p> <p>O <i>ethos</i> da mulher pecadora</p> |
| <p>O <i>pathos</i> da mulher casada</p> <p>O <i>pathos</i> da mulher adúltera</p> <p>O <i>pathos</i> da mulher pecadora</p> |

Fonte: Autoria própria, 2019

3.20 *ethos/pathos* da mulher casada no romance

Como vimos na Retórica de Aristóteles (Ret. Liv. I, Cap. III, 2011), o *ethos* representa a construção do caráter do ser humano, isto é, de suas boas ações, do seu respeito e da sua dignidade. Considerando isto, discursivamente, podemos perceber na obra de Hawthorne, que uma das virtudes da mulher adulta era casar-se e constituir família; sobretudo, isso era uma determinação dos costumes da esfera religiosa. De maneira particular, para que a mulher desempenhasse adequadamente esse papel, ela precisaria ser obediente, compreensiva, amável, bonita entre outras qualificações. De modo geral, ela deveria corresponder aos padrões da sociedade, os quais estavam diretamente ligados ao puritanismo. Para ilustrar alguns desses aspectos, observemos o **Enunciado 1**, que trata de valores relacionados à mulher submissa.

Quadro 2-Enunciado 1 -*Ethos* da mulher submissa

[...] talvez enxergasse naquela bela mulher, tão graciosa em aparência e postura, e com uma criança junto ao peito, uma imagem que lembraria a Madona [...]

(HAWTHORNE, 1850 [2011], p.70).

Fonte: Autoria própria, 2009

A ideia de submissão que presumimos, no Enunciado 1, é relativa à enunciação do autor quanto a um conjunto de valores éticos que se configuram no que Volochínov (2013) compreendeu como coral de apoio. No corpo do enunciado em questão, podemos ver a constituição desse conjunto valorativo através dos tons apreciativos nas expressões **bela mulher, tão graciosa em aparência e postura, com uma criança junto ao peito e Madona**.

Primeiramente, para o autor, o termo **belo mulher** se refere ao conjunto de valores que compõem tanto o caráter quanto a beleza da personagem feminina. No século XVII, havia um padrão para mulheres que seguiam a fé puritana, no qual a

beleza espiritual unia-se a beleza moral. Dessa forma, estabelecia-se a representação da bela mulher nesse contexto, de forma pura, simples e apropriada.

A mulher submissa, em primeiro lugar, deve sua obediência a Deus, seguir os seus mandamentos e cumprir seu papel, de acordo com os ritos estabelecidos pela comunidade. Em segundo lugar, ela não é submissa a todos os homens, mas, sim, ao seu marido, a quem deve amar e cuidar. Dessa forma, notamos que a figura feminina enquanto esposa deveria se dedicar em agradar ao seu marido, dessa forma, sua configuração de submissa estaria adequada.

A importância da beleza espiritual, nesse cenário, é o que caracteriza a personagem como uma figura de respeito; é claro que a beleza física também contava, porém não ultrapassava os padrões éticos. Em contrapartida, a tal mulher não seria bela, caso seu comportamento não correspondesse às regras sociais estabelecidas. Dessa forma, quando qualquer mulher ousava desobedecer ou agir de maneira diferente da forma a qual viviam, eram afastadas do convívio com a comunidade, eram classificadas como bruxas e exiladas para os bosques que rodeavam a cidade.

Perante a sociedade puritana, podemos observar algumas vantagens em ser uma “mulher bela”, isso implica dizer que essa mulher seria aceita mesmo que sob o prisma patriarcal. Ela seria respeitada entre as outras mulheres da comunidade apenas por estar de acordo com as normas. Desse modo, percebemos que a união da beleza física e do respeito era algo agradável, porém, na falta de um deles, a beleza física não seria o bastante para que a personagem feminina fosse categorizada como uma “mulher bela”, o fator mais importante que ressaltaria a beleza dela seria o caráter.

A postura das mulheres dizia muito sobre elas; na verdade, a postura estabelecia o lugar da mulher na comunidade. Uma boa esposa, submissa ao seu marido, deveria não apenas obedecê-lo em tudo, mas ocupar o lugar de anjo do lar, serva e mãe, respeitosa e dedicada. Para tanto, tinha-se a imagem de **Madona** como referência de um cargo de confiança, o qual, se por algum motivo degradado, jamais seria reconstituído e as consequências de tal ato poderiam ser a morte.

Desse modo, ao observamos a configuração pela qual a personagem perpassa enquanto se constroem seus valores, percebemos que os fatores externos influem nessa constituição do caráter. Sendo assim, os elementos persuasivos, como as vozes discursivas que envolvem o sujeito, contribuem de maneira

significativa para a tomada de decisões e, conseqüentemente, em seu comportamento.

Ainda em relação à construção do ethos da personagem, o Enunciado 2 aponta para a valoração da mulher fiel como uma categoria primordial feminina. Primeiramente a mulher deveria ser fiel a Deus e obedecê-lo, e em segundo, atentar para seu marido, pois cuidar também é um mandamento divino. Dessa forma, Hester, apesar de ter cometido adultério, foi fiel na promessa de manter o segredo do marido.

Quadros 3 - Enunciado 2: *Ethos* da mulher fiel

“Guardarei teu segredo, assim como guardo o dele”, disse Hester. “Jura”, ele insistiu. E ela jurou.

(HAWTHORNE, 1850 [2011], p. 91).

Fonte: Aútoria própria, 2019

A concepção de fidelidade do Enunciado 2 apresenta mais uma característica da mulher casada. Neste caso, fidelidade é ter compromisso com o outro, é assumir a responsabilidade por determinado fato, ser verdadeiro e honesto ao propósito ao qual concordou. Deste modo, no fragmento acima, notamos a fidelidade da personagem ao fazer um juramento ao marido. A partir disso, como vimos na Retórica de Aristóteles (Ret. Liv I, Cap. III, 2011) sobre a construção do caráter, através da interação discursiva entre o orador, o ouvinte e o assunto, podemos perceber que é nesse momento no qual há a reflexão do sentimento valorativo da confiança quando ela (a mulher) diz: **“guardarei teu segredo, assim como guardo o dele, jura, ela jurou”**.

Em primeiro lugar, devemos levar em consideração a interação entre a mulher e marido como também os enunciados proferidos por eles. No diálogo, a construção da confiança se dá pelo que a TDL formula como situação. Nesse caso, a personagem se encontra em situação própria, na qual, sem perspectiva de um discurso favorável para si, surpreende-se quando há a concordância entre ambos. Devido à situação, o marido repensou em seu discurso visando a si próprio, ato tal que ocasionou a construção do sentimento de confiança naquele momento.

Já preestabelecida a confiança, os meios pelos quais o discurso se encaminha agora é o da persuasão. Através dos diálogos valorativos e da carga afetiva que ambos sustentam a consideração da mulher ao pedido do marido se dá pelo fato de que o marido se utilizou em seu discurso de persuasão e através do medo, que comoveu e manipulou a índole da personagem, que, conseqüentemente, teve uma atitude responsiva positiva em relação ao pedido.

Mediante isso, ainda podemos notificar a esfera na qual Hester Prynne está inserida, quando falamos sobre o ato de jurar. Para os puritanos, o ato de jurar está relacionado com comprometer-se e com cumprir determinado evento. O comprometimento com o pedido também aponta para a fidelidade, ou seja, ser fiel ao que falou e ao que prometeu. Portanto, podemos perceber que as vozes discursivas constroem o modo de enunciação para criar a imagem da personagem como um ser construído discursivamente, como participante de uma comunidade puritana que está unida entre suas leis religiosas e políticas.

De modo geral, o Enunciado 2 aponta para uma construção social ideológica mediante a esfera religiosa, na qual os sujeitos usam de base para dar seguimento ao seu estilo de vida. Tal situação promove, nesse contexto, mediante os elementos históricos e culturais, as categorias que constituem o caráter feminino, dentre elas a submissão, a honra, o pudor a fidelidade etc. Portanto, o Enunciado 2 institui o efeito da valoração que é atribuída a personagem feminina, ou seja, as características importantes que compõe o caráter da mulher fiel, dentre elas o comprometimento, a sinceridade e a integridade.

A última constatação a respeito da imagem da mulher casada se estabelece no Enunciado 3, que, por sua vez, compreende o *ethos* da mulher honrada. Vejamos:

Quadro 4 - Enunciado 3: *Ethos* da mulher honrada

“[...] nossos juizes de Massachusetts, tendo em conta que se trata de mulher jovem e honesta[...]

(HAWTHORNE, 1850 [2011], p. 77).

Fonte: Autoria própria, 2019

No enunciado 3, observamos a configuração do fragmento que é expresso pelas palavras **Nossos juízes** e **Mulher jovem**, como também pela valoração da palavra **Honesta**. Segundo Aristóteles, (Ret. Liv II, Cap. I, 121, 1377b1) “a arte da retórica tem por objetivo um julgamento”, sendo assim, podemos perceber a dinamicidade entre os juízes, a mulher e a honestidade como elemento constitutivo do caráter, ou seja, o produto que nesse contexto é uma construção valorativa da honra.

A concepção de honra no contexto do romance nos remete ao que Aristóteles postulou como elementos do caráter. A honra atribuída à personagem feminina também faz parte da sua construção discursiva subjetiva. Desse modo, podemos dizer que a honra é um princípio de conduta do sujeito, a qual age de acordo com as virtudes dos valores sociais.

Ao atentarmos para a historicidade do *corpus*, nos deparamos com um período de patriarcado, no qual os indivíduos responsáveis pela regência da comunidade comandavam as leis de políticas sociais. Então, como a esfera política fundia-se com a religiosa, os costumes e dogmas eram praticamente os mesmos. Portanto, cabia ao cidadão da determinada comunidade executá-los para que não fossem excluídos do convívio social.

Partindo desse pressuposto, levando em consideração a austeridade daquele lugar, percebemos como se dá construção da mulher honrada, a partir da junção de elementos ideológicos culturais religiosos, ou seja, a fé puritana e seus dogmas. As mulheres, mesmo que na flor da idade, com os desejos que a juventude traz, tinham que firmar-se nos pilares da fé puritana. Sendo assim, a mulher honrada deveria negar-se a si mesma para que seus desejos carnis não pudessem interferir no seu caráter e na sua honra.

A representação da mulher honrada se dava pelo modo de suas ações diante do social. A mulher deveria ser benevolente, uma característica da honra. Tal elemento apresentava a mulher como um ser empático, piedoso e com o olhar sempre para o outro. A importância desse perfil é exatamente a avaliação dos juízes, que, por sua vez, é quem constrói o sujeito mediante os seus discursos.

Em suma, apresentadas tais características, podemos perceber o quanto os fatores sociais contribuem para as construções do sujeito, tanto em seus enunciados quanto através dos seus atos.

3.30 *pathos* da mulher casada

De acordo com os fragmentos dos **Enunciados 1, 2, e 3**, da **seção 3.2**, trataremos a seguir da construção dos elementos afetivos que Aristóteles denomina como as paixões. Elementos tais que constituem o ser humano a partir de seus desejos sentimentais. Ademais, apresentaremos a construção subjetiva afetiva da mulher casada, de acordo com os fatores sócio-ideológicos que a envolvem.

Inserida em um contexto majoritariamente puritano, uma mulher jovem e casada devia seguir um padrão preestabelecido pela comunidade. A partir disso, podemos perceber uma sequência de premissas na composição das paixões da mulher casada submissa, fiel e honrada. Tal mulher tem em sua composição alguns sentimentos que, entre eles, estão o amor, o medo, o pudor e a compaixão. Desse modo, podemos adentrar à sua subjetividade através dos enunciados e dos elementos valorativos que a compõe.

No *corpus*, podemos enxergar o amor a partir do relacionamento que ela tem não com o marido, mas com o pastor a quem amava. Mediante isso, observamos que a quebra do pacto matrimonial da personagem se dá pelo surgimento de um novo discurso persuasivo, ou seja, o do pastor, que trabalhou de acordo com a atitude responsiva da personagem. No trecho a seguir, observamos o enunciado que remete ao sentimento de amor dos personagens: “**Arthur Dimmesdale encarou Hester com uma expressão na qual brilhavam esperança e alegria**”. Desse modo, constatamos a influência que o discurso tem para com o outro, o qual sendo aceito pela mulher, influência de maneira eficaz nas intenções do pastor.

A partir desse discurso, o medo faz com que a personagem avalie primeiramente o enunciado o qual lhe foi direcionado e, dessa forma, cada aspecto é ponderado antes da sua resposta. Mas, se o orador usar da persuasão afetiva e desse modo comover o ouvinte, o orador alcançará seu propósito, que no caso, foi o que aconteceu com Hester e Arthur Dimmesdale.

Levando em consideração o pudor na categoria da mulher casada, atentamos para as causas da vergonha, sentimento que exprime o descontentamento de algo que se fez ou se faz. Ao contextualizarmos o auditório, notamos que ele é composto

de toda a comunidade puritana, homens, mulheres e crianças para testemunharem Hester em seu julgamento, o momento da vergonha.

O fragmento, a seguir, mostrará a enunciação na qual as matronas da comunidade discutem sobre quem deveria tomar as rédeas do julgamento de Hester, a saber, **“Essa mulher lançou a vergonha sobre todas nós e deve morrer”**. Os valores expostos na enunciação refletem a personagem como uma figura indesejável para o convívio social, seu ato causava repúdio nas demais mulheres ali presentes. Dessa forma, a falta de pudor de um ato falho causava nas demais um misto de raiva e desprezo, assim, instigando no auditório o desejo da morte da personagem.

Por outro lado, em meio à junção de elementos afetivos, observamos a construção da compaixão através do enunciado sensível de uma daquelas mulheres que ali estavam. A saber, **“Calma, vizinhas, calma!”**, **sussurrou a mais jovem. “Não a deixem ouvir o que dizem! Ela já sentiu cada ponto daquele emblema dourado no próprio coração”**. A composição da personagem, no que diz respeito a seus sentimentos, interferiu de maneira compassiva em sua atitude responsiva para com Hester, ou seja, apesar de ser constituída naquele mesmo ambiente, sua percepção dos fatos foi diferente das demais. Sua capacidade de avaliar o sofrimento do outro despertou nela a empatia, sentimento o qual foi responsável pela mudança no seu discurso.

De modo geral, podemos ver a construção de alteridade daquelas mulheres ao discursarem sobre o dado fato. Deste modo, notamos que, no terceiro fragmento, o a mulher jovem espera a aprovação unânime das outras mulheres, ou seja, o apoio dos interlocutores, que constituem as vozes que formam o coral de apoio naquele contexto, ou seja, uma interdepende da outra, mesmo que isso não seja explícito no momento da interlocução, mas a identidade socioideológica, cultural, política e religiosa de cada uma instiga essa percepção que acaba por influenciar em seus diálogos.

3.4 O *ethos* da mulher pecadora

Para a comunidade puritana, o ato de pecar está relacionado a cometer algo que inflige às leis divinas, como também, algo que promove a vergonha e o desconforto entre a população. Ainda, atentamos para os fatores de consequências,

pois, se o sujeito comete algo que para as leis de uma determinada esfera é ilegal, o mesmo deve cumprir uma pena para se redimir de seus erros. Portanto, o pecado é algo que separa o homem de Deus, e para um auditório religioso assíduo, tal prática determina que o indivíduo esteja fora dos padrões de convivência e desse modo ele pode perpetuar suas más ações.

Quadro 5 - Enunciado 1: *Ethos* da mulher culpada

[...] “Tenho pensado na morte”, disse a jovem, “desejado morrer”. Teria até rezado por isso se alguém como eu pudesse rezar por alguma coisa. [...].

(HAWTHORNE, 1850 [2011], p.87).

Fonte: Autoria própria, 2019

No contexto do **Enunciado 1**, a personagem expõe seus pensamentos sobre a morte. No entanto, ela também menciona seu desejo de morrer e sua impossibilidade de rezar pelo peso do pecado que carrega consigo. Sendo assim, o enunciado atribui à valoração que constitui Hester como uma mulher pecadora, tal valoração é instituída pela esfera social que também a condena e a pune.

De acordo com Aristóteles (Ret. Liv II, Cap. I, 122, 1378a1), “O meio de estabelecer a própria virtude é o mesmo para estabelecer a virtude de outrem”. Partindo desse pressuposto, podemos perceber que através da culpa é que se constrói o desejo de morte na personagem. O discurso do auditório também contribui para os anseios de Hester, porém, mesmo que o auditório se mostre positivo em relação à punição, Hester busca seus valores perante os seus costumes religiosos, ponderando também que seria mais um pecado pensar ou desejar morrer. No entanto, ela não foi sucumbida pela culpa, os desejos de morte da personagem vieram da pressão da comunidade pela justiça que nesse caso, não queriam que o mau exemplo deixado por Hester fosse repetido por ninguém.

A disposição de espírito na visão aristotélica é o que cursa a vida, a interação entre os sujeitos em suas respectivas esferas promove os fragmentos dos enunciados que cada um carrega no seu interior. Dessa forma, Hester procura a resiliência como apoio ao longo da punição, virtude que traz a ela um novo começo. Todavia, esse processo interativo mostra que sofremos interferências dos grupos exteriores quando tentamos optar por algo que queremos. Somos persuadidos

quando estamos prestes a decidir e tanto os valores que carregamos ao longo da vida quanto à avaliação do outro para conosco, interferem de forma significativa nas nossas escolhas.

Em relação à construção do *ethos* da personagem, o Enunciado 2 aponta para a valoração da mulher adúltera. O quadro apresenta o diálogo de uma das matronas da comunidade puritana, no qual ela indigna-se ao perceber a postura branda de Hester perante todos. A matrona também sugere no diálogo que, o pecado, tirou todo o pudor da personagem, dessa forma, ela explica a postura fria de Hester, como se ela não se importasse com o pecado que cometeu.

Quadro 6 - Enunciado 2: *Ethos* da mulher adúltera

“[...] Mas Hester Prynne, sendo a prostituta sem-vergonha que é, pouco se importará com o que lhe vai gravado sobre o peitoral da túnica! [...]”.

(HAWTHORNE, 1850 [2011], p.65).

Fonte: A autoria própria, 2019

A partir do sentido do **Enunciado 2**, podemos compreender os modos de criação histórico-ideológicas da mulher adúltera. A personagem feminina no contexto histórico em geral, é caracterizada por seus vícios, uma categoria que a posiciona em um padrão social. No *corpus* essa ideia está revestida por um valor cultural religioso que sujeitava a mulher a pertencer unicamente ao seu marido, regra que não se aplicava ao público masculino.

A coletividade censurou e retratou discursivamente a personagem como **prostituta sem-vergonha**, ao saber que ela sendo casada, se apaixonou por outro homem e engravidou dele. Para o contexto histórico da época, tal pecado era digno de morte, pois o sujeito que desobedecesse às leis da cidade deveria pagar por seu ato de desrespeito. Dessa forma, percebemos a importância da construção da imagem discursiva do sujeito enquanto fator principal do diálogo. No caso de Hester, o apoio coletivo não era favorável a ela por causa de construção ideológica de pecadora, tendo ela cometido adultério não era digna de estar entre as mulheres virtuosas, pois sua honra estava manchada.

Partindo desse pressuposto, mesmo que rejeitada pela comunidade, o caráter da personagem era constituído pelo que Aristóteles chama de benevolência. O ato de enxergar o outro, de ser generoso fez com que a personagem transcendesse diante da situação adversa. Desse modo, entendemos a construção de pecado a partir dos elementos históricos e sócio-ideológicos que envolvem os sujeitos em suas respectivas esferas. Como também a mulher, figura principal, que desde os primórdios eram tratadas de maneira diferente, com mais rigor em relação ao seu comportamento, como também a sua subjetividade.

A última constatação sobre a imagem da mulher pecadora se estabelece no Enunciado 3, que, por sua vez, compreende o ethos da mulher condenada. A seguir:

Quadro 7 - Enunciado 3: Ethos da mulher condenada

“[...] A infeliz condenada mantinha-se no limite da contenção possível a qualquer mulher que se encontrasse sob o peso implacável de mil olhos, todos pregados nela e fixos ao que trazia no peito [...]”.

(HAWTHORNE, 1850 [2011], p.71).

O enunciado 3 estabelece a construção do caráter da mulher condenada. Condenar é o ato de sentenciar alguém por algo que praticou. No caso do fragmento do enunciado 3, temos a **infeliz condenada**, a personagem como alvo principal do castigo, no **limite da contenção**, ou seja, o afastamento da personagem do convívio social contínuo, a perda da aceitação, a falta de interação com o meio. E por último, o **peso implacável de mil olhos**, que entendemos como a verdadeira vergonha, a culpa pelo pecado e a punição maior, o julgamento alheio.

No *corpus*, o autor deixa claro a partir do tempo histórico no qual o romance acontece e o lugar onde ele acontece. No século XVII a cidade de Salem é marcada pelo grande banho de sangue de mulheres que eram denominadas bruxas e condenadas a diversas formas de punição. No caso de Hester, sua pena foi branda devido aos apelos do pastor o qual discursou a seu favor perante os magistrados. De maneira particular, no discurso persuasivo do pastor em favor da réu, ele utilizou de argumentos afetivos, o que sensibilizou os juízes. Em seus discursos ele

mencionou a maternidade de Hester, e isso fez com que os avaliadores, como também o auditório, apesar de tamanho pecado, sentissem compaixão por ela.

As vozes orquestradas no enunciado apontam para a construção discursiva do declínio dos valores morais da personagem. Os elementos ideológicos que apontam para essa constituição, além do contexto histórico é a insistência do auditório em condenar e renegar. A partir daí, cria-se uma barreira entre o bom e o mau, certo e errado. A opressão é explícita como um fator relevante para o afastamento da personagem, pois, ao se deparar com tantos olhares Hester prefere viver afastada a ter que se submeter a julgamentos e a tratamentos maldosos.

3.5 O *pathos* da mulher pecadora

De acordo com os enunciados 1,2 e 3, da seção 3.4, daremos seguimento no que diz respeito a construção das paixões da mulher pecadora. Os sentimentos da personagem são influenciados pelos discursos da comunidade que a repudiavam. Porém, a construção da personalidade de Hester, além de absolver todos os discursos de julgamento e aceitar a criação imagética de mulher vulgar, também criava uma espécie de escape, ou seja, um tipo de consolo ao entender os insultos e a repulsa da comunidade como parte da punição divina. De certa forma, tal pensamento trazia a ela, uma paz de espírito.

No processo de construção do *pathos* podemos observar discursivamente como os sujeitos são constituídos hierarquicamente, patriarcalmente e ordenadamente dentro da esfera social puritana. Os costumes femininos eram praticamente os mesmos. Seus enunciados, na maioria das vezes, não eram considerados pelos governantes. Dessa maneira, de acordo com o fragmento a seguir compreenderemos os efeitos pelo qual ela sentia-se culpada. **“Ela sentia, em alguns momentos, a necessidade de gritar com toda a força e jogar-se de cima daquele cadafalso, ou enlouqueceria de vez”.**

De acordo com o fragmento, percebemos que em alguns momentos a personagem sentia a necessidade de extravasar sua culpa de maneira que, aquele ato, permitisse a ela uma forma de liberdade. E a atitude responsiva negativa da comunidade reafirmava e fazia com que a personagem mesmo que por alguns momentos, sentisse esgotamento emocional a ponto de querer desistir de sua sanidade.

De acordo com a TDL, o discurso da personagem é o que constrói sua própria imagem diante do auditório. Porém, não podemos esquecer os elementos ideológicos que, por sua vez, fazem parte dessa constituição. Dessa forma, observemos o fragmento a seguir: **“A mulher se comporta como que possuída; e faltou pouco para que eu cuidasse de arrancar-lhe satanás do corpo a chibatadas”**. A construção social da personagem é dotada de valorações axiológicas que, por sua vez, refletem e refratam a fé puritana de forma explícita. As tradições religiosas e políticas para a punição de pecado de adultério eram severas e, portanto, irrevogáveis.

Levando em consideração o fragmento acima, em se tratar da construção das paixões da personagem, podemos observar que, através do discurso do carcereiro, a mulher encontrava-se totalmente perturbada com o julgamento da comunidade o qual, provocou no carcereiro, o desejo de exorcizá-la até que se acalmasse aquela agitação. Dessa, Hester sentiu que a aceitação de seu castigo era o melhor, pois o medo de uma tentativa de rebelião a fez repensar em suas atitudes.

O misto de sentimentos que a envolviam, despertou nela, o que Aristóteles (Ret. Liv. II, Cap. IV, 2011) postulou como amor, o ato de fazer algo em benefício ao outro. Sendo assim, o laço afetivo que surgiu através de sua filha recém-nascida, fizeram-na perceber e reafirmar os mandamentos divinos que faziam parte de sua essência, os quais falavam sobre o perdão e sobre o amor ao próximo. Dessa forma, a resposta da personagem foi contrastante aos discursos negativos da comunidade. Ao invés de revolta e cólera, sua atitude foi louvável.

A comunidade não aceitava a atitude da personagem, e isso os confrontavam de forma tal, que se impuseram ainda mais contra ela. De acordo com Aristóteles (Ret. Liv II, Cap. IX, 152, 1386b1), um dos vieses da indignação é a “boa sorte sem merecimento”. Tal sentimento construído pela comunidade refletia na personagem como uma espécie de afronta. Pois, apesar do adultério ser um pecado com uma pena mais severa, sua punição foi aliviada através do discurso persuasivo do pastor em seu favor.

Mesmo condenada e renegada, o fragmento a seguir mostra a força da personagem em relação a esse sentimento de exclusão. **“Hester sentia-se forte para enfrentar os golpes e venenosas estocadas do público”**. Partindo desse pressuposto, percebemos que a construção axiológica da comunidade seguia os padrões estabelecidos rigorosamente e que, a cultura era um elemento bastante

influyente no contexto. Por outro lado, atentamos para a personagem que, mesmo sendo criada de acordo com os mesmos costumes que a comunidade, reagiu de maneira diferente em relação à atitude do outro. Dessa forma, entendemos que cada ser é constituído a partir das várias esferas aos quais são expostos e, mesmo que todos os ensinamentos e valores fossem iguais, o discurso subjetivo de cada um é construído de maneira diferente.

4CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa pesquisa buscamos evidenciar a construção do *ethos/pathos* da personagem Hester Prynne, no romance *A Letra Escarlata*, sob a perspectiva dialógica discursiva. Para tanto, enquanto participante de uma dada esfera social, procuramos entender através dos enunciados, do contexto histórico e da cultura, aspectos que contribuíram de forma significativa para a construção da personagem enquanto mulher em uma esfera religiosa patriarcal.

Partindo desse pressuposto, identificamos como o meio social contribuiu para essa construção ideológica da mulher no romance. A princípio, a figura da mulher casada, remete, de acordo com o contexto daquela época, a um ser que foi feito apenas para auxiliar a alguém. Anjo do lar, procriadora, submissa, fiel, honrada, dentre outras categorias, são características fundamentais que deveriam constituir a mulher. Dessa forma, através do padrão social instituído, a mulher, além das qualidades preestabelecidas, deveria, para composição de mulher bela e completa, seguir a fé puritana, o fator de maior importância.

Ainda, com o declínio da personagem ao cair em adultério, pecado tal que, fez a comunidade não somente a culpar, mas também a condenar de forma que a exclusão do convívio social, ainda seria de fato, uma pena branda para ela. No entanto, tal afastamento não influenciou os sentimentos de Hester no que diz respeito aos seus acusadores. A personagem desenvolveu, através do discurso de repúdio, uma plena aceitação, visando tudo aquilo como um tipo de punição divina, a qual ela não devia questionar.

A TDL aponta para interação como um fator significativo para a construção da personagem em meio à sociedade. Dessa maneira, seus discursos como também os fatores constitutivos do ser, ou seja, a historicidade, a cultura, a política dentre outros, compõe os sujeitos em suas respectivas esferas, oferecendo a eles, o apoio

necessário para que os sujeitos imbriquem dando continuidade aos usos da língua. Dessa forma, compreendemos que os efeitos da valoração discursiva na personagem mostram como o ser humano depende do outro para que este processo interativo possa ser realizado.

No que diz respeito às composições do caráter e das paixões, notamos que a personagem é dotada de valores que foram influenciados pelos costumes puritanos, porém, tais valores refletiam de forma diferente em seus discursos. As paixões trabalhavam juntamente com seu caráter no processo interativo com a comunidade, dessa forma, ela se construía para si mesma, porém, aos olhos de outrem, o pecado do adultério com toda sua carga valorativa negativa, ressaltavam diante de suas qualidades morais e afetivas.

No romance, verificamos que a construção do *ethos/pathos* da personagem Hester Prynne, se deu pelas influências socioculturais que, naquela época, eram bem mais sólidas. Portanto, a personagem construía gradativamente seus valores e seus sentimentos através da interação ideológica com os sujeitos participantes da comunidade. O meio social contribuiu de forma fundamental no processo constitutivo da personagem, pois cada enunciação valorativa que envolve a personagem auxilia no desenvolvimento do seu eu. Sendo assim, podemos dizer que construção de si mesma, contrastou com a construção social. Os efeitos das valorações serviram de inspiração para a personagem, pois, ao invés de se tornar uma mulher amarga e indignada com a construção negativa da sociedade, ela atentou para sua fé e aceitou todo o julgamento social como uma forma de punição divina, da qual, ela não podia escapar. Desse modo, ela se conformou com o fardo que teria que carregar pelo resto da vida, o título de mulher adúltera, porém, tal fardo, não modificou seus valores nem no que diz respeito a construção discursiva de si mesma.

De modo geral, podemos dizer que o ser humano é constituído de pequenos fragmentos, e cada um deles advém das esferas nas quais eles estão inseridos. Tais esferas caracterizam o sujeito de modo particular e a partir disso, o processo de construção individual acaba sendo por meio das vozes sociais. Dessa forma, concluímos que tanto o caráter quanto as paixões de Hester Prynne, são construídas através de enunciados persuasivos que são influenciados pelos costumes da comunidade puritana do século XVII, como também, pelo ato cometido

por ela, o qual reflete uma construção social, mas não reflete a verdadeira personalidade da personagem em si mesma, ou seja, sua subjetividade.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN; M.M (Mikhail Mikhailovitch), 1895 - 1975. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem/ Mikhail _____ (V.N. Volochínov) Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi. 16. Ed. – São Paulo: Hucitec, 2014.
- _____; MIKHAILOVICH. **Estética da criação verbal**; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov; a introdução e tradução do russo Paulo Bezerra, - 6ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- _____; MIKHAILOVICH.(1895- 1975) **Problemas na poética de Dostoiévski**; tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra, - 5.ed – Rio de Janeiro; Forense Universitária, 2015.
- HAWTHORNE, Nathaniel. **A letra escarlate**. São Paulo, Penguin Classics, Companhia das Letras, 2011.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio, 1946 – Produção textual, análise de gêneros e compreensão /Luiz Antônio Marcuschi, - São Paulo: Parábola Editorial, 2008
- OLIVEIRA, Antônio Flávio Ferreira de. **A construção de estratégias argumentativas no Tribunal do Júri: uma proposta dialógico**. Tese (Doutorado em Linguística) Universidade Federal da Paraíba – discursivas/ Antônio Flávio Ferreira de Oliveira. – João Pessoa, 2019.
- _____. **A entonação avaliativa da defesa criminal no tribunal do júri: contribuições da Teoria Dialógica da Linguagem**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.
- VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaevich. **A construção da Enunciação e Outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013. 273p.

